

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia

### 1. MARIA JOÃO RUIVO, ESC SEC ANTERO DE QUENTAL, S MIGUEL, AÇORES. AICL

**Maria João Machado Ruivo Amaral Sousa Franco** nasceu em São Miguel - Açores, em 1965. Completou os estudos secundários no Liceu Antero de Quental, onde leciona Português há trinta e três anos, tendo-se licenciado, em 1989, em Línguas e Literaturas Modernas (Português-Inglês – via ensino).

Tem algumas publicações dispersas em jornais da região (crónica, conto e escrita memorialística) e em revistas como a *Insulana* (Instituto Cultural de Ponta Delgada).

Tem colaborado, igualmente, em diversas edições coletivas (autores da Macaronésia e autores luso-brasileiros, entre outros).

Tem, igualmente, prefaciado alguns livros.

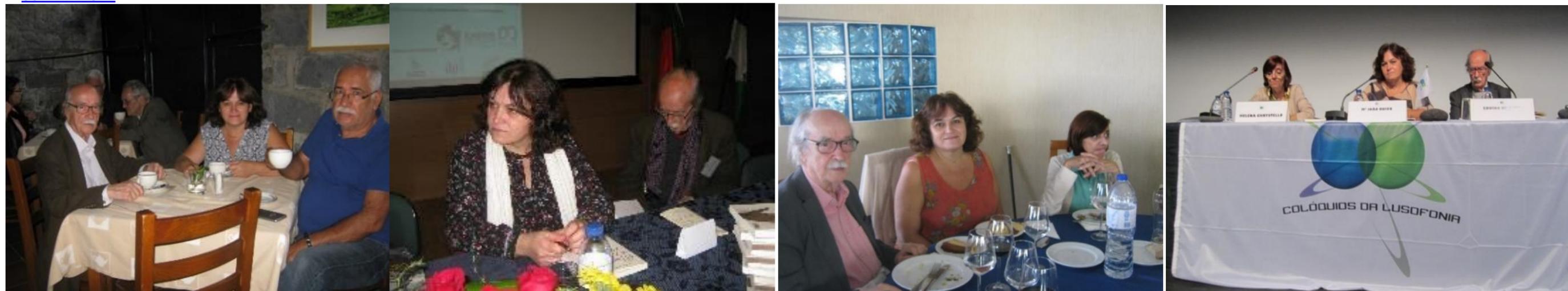
Em 2011, publicou o Livro de Homenagem a seu Pai – *Fernando Aires - Era uma Vez o seu Tempo* – numa coordenação conjunta com Onésimo Almeida e Leonor Simas-Almeida.

Dois anos depois, publicou, juntamente com o marido, o fotógrafo José Franco, o livro *Sentir(es) a Preto e Branco*, uma simbiose de texto com fotografia.

Coordenou, ainda, a Reedição da obra diarística integral, da autoria de Fernando Aires, *Era uma Vez o Tempo*, que veio a lume em dezembro de 2015, com a chancela da editora Opera Omnia.



36° PDL 2022



27° BELMONTE 2017

27° BELMONTE 2017

30° MADALENA DO PICO 2018

36° PDL 2022

É membro do Instituto Cultural de Ponta Delgada e secretária da Comissão de Toponímia e Património da Câmara Municipal da mesma cidade, pertencendo à Comissão Consultiva da candidatura desta cidade a Capital Europeia da Cultura.

Coordenou, ainda, a Reedição da obra diarística integral, da autoria de Fernando Aires, que veio a lume em dezembro de 2015, com a chancela da editora Opera Omnia.

Em 2017 publicou "Um punhado de areias nas mãos", cuja 2ª ed. foi apresentada no 30º Colóquio na Madalena do Pico 2018

**Foi uma das 3 autoras homenageadas em 2023 no 38º colóquio da lusofonia.**

#### Bibliografia:

7 Pecados, parte II (s.i.)

(2011) Fernando Aires, era uma vez o seu tempo, homenagem de amigos e admiradores coord. Leonor Simas-Almeida, Maria João Ruivo Sousa, Onésimo Teotónio Almeida; pref. Onésimo Teotónio Almeida; il. Tomás Borba Vieira.

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia

Ponta Delgada: Instituto Cultural, 366 p. il. 21 cm. ISBN 978-072-9216-97-8



[36º PDL 2022](#)



[39º STA Mº2024](#)

(2012). ““Andamentos de um Diário”, in Insulana LXVIII, Instituto Cultural de Ponta Delgada

(2013). Sentir(es) a preto e branco. José Franco, Maria João Ruivo; rev. e textos Maria João Ruivo ; foto José Franco. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 40, [1] p. il. 22 cm. - ISBN 978-989-735-040-5

(2014). Memórias do meu Liceu. Ponta Delgada, Ed. Ponta Delgada, Letras Lavadas

(2014) in “O Liceu”, ESAQ n.º 7 jun

(2016). “Antero de Qental, esboço de uma abordagem para os alunos de hoje”, Atas do 26º Colóquio da Lusofonia, Lomba da Maia. Açores

(2016). “Antero de Qental, esboço de uma abordagem para os alunos de hoje” in Antero, 125 anos depois, Eduíno de Jesus, João Paulo Constância, José Andrade, Maria João Ruivo. Ed. Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Qental. Ponta Delgada,

(2017). Um punhado de areia nas mãos, 1ª ed. 183 p. 23 cm. ISBN 978-989-735-128-0

(2017). Um punhado de areia nas mãos, 2ª ed. Ponta Delgada: Letras Lavadas, 183 p. 24 cm. ISBN 978-989-735-128-0

(2018). “Um punhado de areia nas mãos”, 2ª ed. Atas do 30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico

(2018). “O Exame”, in Açores - Porto Alegre: Contistas Geminados II – António Soares (coord.) e outros. Turiscon Editora – Porto Alegre, Brasil,

(2018). “Era uma vez...aquele tempo”, in O Livro da Amizade – João Carlos Abreu (coord.). Ed. O Liberal - Funchal,

(2018). “Um punhado de areia nas mãos”, 2ª ed. Atas do 30º colóquio da lusofonia Madalena do Pico

(2020). “A Casa” e “Abraço Atlântico”, in Abraço Atlântico – João Carlos Abreu (coord.). Edições Fraternitas Funchal,

(2020) “Minha casa, minha brasa”, in Autores Luso-Brasileiros 2020 – Sala Açoriana de Triunfos, António Soares (coord.) e outros. Edição Autor Luso-Brasileiro – Brasil

(2020) “Memórias Soltas de uma Novela do Minho”, in Avós: Raízes e Nós – Aida Batista (org.) e outras. Ed. Alma Letra. Lisboa

(2021). “Eduíno de Jesus – o som e o silêncio” Atas do 33º colóquio da lusofonia, Belmonte

BIODADOS -- colóquio da lusofonia

(2022). "Homenagem a Onésimo," Atas do 34º colóquio da lusofonia Ponta Delgada

(2022). Pré-apresentação de "Crónica do Quotidiano Inútil, vols 1 a 6, 50 anos de vida literária" de J Chrys Chrystello, Atas do 34º colóquio da lusofonia Ponta Delgada



[35º Belmonte 2022](#)

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia



### 36º PDL 2022

(2022) “Entre-Margens” in Avenida Marginal – Ficções, Ponta Delgada, Maria Helena Frias (coord.). Artes e Letras

(2022) “Ensino: é urgente reabilitar a(s) Humanidade(s)” in Teoria da Educação e Formação de Professores: Conceções, Perspetivas e Práticas, Emanuel Oliveira Medeiros (coord.) Ed. MIL,

(2022) in Nova antologia de autores açorianos, coord Helena Chrystello, Ed. Letras Lavadas

(2022) Apresentou “Crónica do quotidiano inútil, volumes 1 a 6, obras completas nos 50 anos de vida literária de Chrys Chrystello”, Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada

(2022). Um punhado de areia nas mãos, Diário II, vol II. [s.l.] Letras Lavadas, 167 p. 20 cm. - ISBN 978-989-735-400-7

(2022). Apresentou “Um punhado de areia nas mãos, Diário II”, Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada

(2022). “Considerações do Poeta sobre o Poder Corruptor do Dinheiro, Canto VIII.” Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada

(2022). “Ensino: é urgente reabilitar a(s) Humanidade(s).” Atas do 36º colóquio da lusofonia Ponta Delgada

(2023) apresentou de Chrystello, Helena “9 poemas, 9 línguas” in Atas 38º colóquio da lusofonia, Ribeira Grande.

#### Colaborações em Publicações conjuntas:

“Andamentos de um Diário”, in Insulana LXVIII, 2012 – Órgão do Instituto Cultural de Ponta Delgada

Sentir(es) a Preto e Branco – Fotografias (José Franco) e Textos (Maria João Ruivo). Letras Lavadas, 2013

“Antero de Qental – Esboço de uma abordagem para os alunos de hoje”, in Antero 125 anos depois – Eduíno de Jesus, João Paulo Constância, José Andrade, Maria João Ruivo. Ed. Associação dos Antigos Alunos do Liceu Antero de Qental. Ponta Delgada, 2016

“O Exame”, in Açores - Porto Alegre: Contistas Geminados II – António Soares (coord.) e outros. Turiscon Editora – Porto Alegre, Brasil, 2018

“Era uma vez...aquele tempo”, in O Livro da Amizade – João Carlos Abreu (coord.). Ed. O Liberal - Funchal, 2018

“A Casa” e “Abraço Atlântico”, in Abraço Atlântico – João Carlos Abreu (coord.). Edições Fraternitas – Funchal, 2020

“Minha casa, minha brasa”, in Autores Luso-Brasileiros 2020 – Sala Açoriana de Triunfos – António Soares (coord.) e outros. Edição Autor Luso-Brasileiro – Brasil, 2020

“Memórias Soltas de uma Novela do Minho”, in Avós: Raízes e Nós – Aida Batista (org.) e outras. Ed. Alma Letra. Lisboa, 2020

“Entre-Margens” in Avenida Marginal – Ficções, Ponta Delgada, Maria Helena Frias (coord.). Artes e Letras, 2022

“Ensino: é urgente reabilitar a(s) Humanidade(s)” in Teoria da Educação e Formação de Professores: Conceções, Perspetivas e Práticas, Emanuel Oliveira Medeiros (coord.) Ed. MIL, 2021

Um Punhado de Areia nas Mãos – Diário II, 2022, Letras Lavadas

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia



[38° Ribeira Grande 2023](#)



[34° PDL 2021](#)

### APRESENTOU 9 POETAS 9 LÍNGUAS DE HELENA CHRYSTELLO ED 2023

**9 Poetas 9 Línguas**, editado pelas Letras Lavadas, é mais um livro de poemas que surge e a verdade é que, no fundo, ninguém fica insensível à Poesia, porque ela contribui para uma interpretação simbólica do mundo, levando a ultrapassar os limites do tempo e do espaço e colocando o Homem face ao seu próprio mistério. Construída no silêncio, ela faz-nos regressar a ele, num reencontro connosco. E, tendo em conta o livro que é, de nove poetas traduzidos em oito línguas, tenho de felicitar todos os que para ele contribuíram. Os autores dos poemas, os seus tradutores e, claro, a Helena Chrystello, que se entregou a este projeto arrojado e complexo e a quem agradeço o convite para estar aqui. Testemunhei o seu trabalho, ainda que de longe, e vi o carinho e o empenho com que fez surgir este volume. Uma palavra também de apreço pela bonita capa, com fotografia de Marco Costa.



Há, na Poesia, uma espécie de magia primordial que, de alguma forma, está ligada à criação. Sendo a linguagem a matéria-prima da Poesia, esta surge da ligação entre o *que se diz* e o *como isso é expresso*. Assim, o criador busca a palavra certa, o ritmo, o tom, a harmonia adequada ao que quer dizer, tal como busca uma identidade artística, um sentido para a existência e uma interpretação do universo de que faz parte.

Neste livro, são múltiplos os temas e as mundividências. Todavia há um fio de intemporalidade que os une:

Em Álamo de Oliveira, temos a atualidade do horror da Guerra, numa pátria roubada em que a sombra da morte é uma constante. É um poema sobre as ruínas, a solidão e a dor pungente causada pela guerra.

*o estrondo vem do estômago da bomba  
e espalha as ruínas da solidão. (diz ele)*

E há também esse “Homem imperfeito junto ao mar”, bem ao jeito de Alexandre Borges, numa metáfora irónica que faz a apologia da imperfeição, já que esta traz uma promessa que, na perfeição, não existe. E cito:

*Agora eu  
Suspeito dessa perfeição de postal  
Confio mais nas rugas dos arrependimentos  
Nas ruas com inacabamentos de primeira*



17º LAGOA 2012



17º LAGOA 2012



30º PICO 2018



32º GRACIOSA 2019

Da nossa janela de ilhéus, avistamos também o mar personificado, pela mão de Nuno Costa Santos. “Orgulhoso e mudo”, esse mar envelhecido das ilhas, anterior a nós, *abrindo por vezes o olho/ ao vento e à indiferença*, como quem ficou esquecido.

*Era um rei cruel, dizem as gentes,  
e mais dizem as gentes que o rei,  
por ser tão cruel,  
tão de duro coração,  
mandou que se apartassem  
a princesa e o pastor,  
tomados do benquerer*

## BIODADOS -- colóquio da lusofonia

que chega com a Primavera.

Diz a Paula Sousa Lima, que nos traz, do fundo da ilha, uma lenda poética, cheia dos sons de outrora, retirada, com uma varinha de condão, do nosso imaginário. Nela estão os ingredientes dos contos infantis e a Natureza pródiga da Ilha, que acolhe as lágrimas dos amantes, fazendo crer que, no amor, tudo é verdade.



**36° PDL 2022**

**Delgada, outubro de 2023**

**Ponta**

O texto de Aníbal Pires poderia ser um poema de amor dirigido à mulher amada, um “Tu”, mas o que está em causa, mais do que um sentimento amoroso, é a ideia de uma irmandade. Nele surgem diversos elementos que assumem forte valor simbólico e que remetem para a ideia de universalidade, de uma diáspora humana, genética e cultural.

Diz ele, por exemplo:

*partilhamos culturas e genes  
somos um pouco do mundo  
(...)*

*lutando pela dignidade  
de ser (apenas) o que somos  
humanos*

Hino de amor é o poema de Chrys Chrystello, num tributo à sua Maria Nobody, cantiga de amor ao jeito moderno, que todos conhecemos, e de aqui recordo o final:

*maria nobody  
de todos ninguém  
nem sabes a riqueza  
que a gente tem*

A importância de sonhar é bem visível, em Malvina Sousa, numa exortação a que sonhemos, na certeza de que, apesar das nossas lutas e contradições, o sonho é o caminho para a eternidade. Não deixes nada por dar!, diz ela, Ama o instante e serás... eternidade...

Também o tema da morte marca presença neste livro, no texto de Telmo Nunes, que fala da “voragem da partida” e “dos dias que já não nascem”.

No seu poema, Eduíno de Jesus revela, pela sua mão exigente, o ato de criação e valoriza as palavras, que são muito mais duradouras do que os homens. Apesar de “imprecisas” e “volúveis”, elas criam eternidade e lá estão sempre, imperturbáveis, aguardando que o homem, neste caso, o Poeta, lhes dê vida.

*Imprecisas? Volúveis? Mas inamovíveis,  
elas lá ficam na página branca  
à espera de um Levanta-te e caminha  
de qualquer voz humana.*

Ao ler algumas das traduções (nas poucas línguas que entendo, claro) não pude deixar de pensar, mais uma vez, no trabalho árduo dos tradutores na sua tarefa exigente de traduzir poesia. O tradutor é, antes de mais, um leitor, que tem de encontrar o equilíbrio entre a reprodução e a recriação do texto original, pois há, sem dúvida, uma recriação deste no momento da tradução. E esse ato de recriar tem de ter em conta todo um contexto e as questões estético-literárias do texto de partida.

Os sentimentos são universais. O que pode ser único e irrepetível é a linguagem poética em que eles se enformam, essa busca minuciosa da palavra certa, da imagem adequada a colocar no lugar que lhe compete, por forma a gerar beleza, que é, afinal, o próprio objeto da arte. Por isso, as questões de sentido não serão as mais complicadas para o tradutor. A maior dificuldade, creio, estará na questão dos ritmos, das sonâncias, da prosódia, das rimas, da musicalidade, que são, necessariamente distintas na língua de chegada e na de partida.

Perde-se, inevitavelmente, virtualidades do texto no ato de tradução. Ao mesmo tempo, não há dúvida de que o tradutor é um recriador e tem a enorme responsabilidade de ser um intermediário entre o texto original e o público leitor. Em conversa com o Miguel Lopes, meu caro colega e amigo, tradutor desta obra para o francês, ele disse o seguinte, e roubo-lhe as palavras: “Quando se traduz não se faz igual, porque esse igual não existe. É um pouco a ideia da (...) da sinfonia que nunca é tocada duas vezes da mesma maneira, mesmo que o objetivo

<http://coloquios.lusofonias.net/XXXI/7>

### **BIODADOS -- colóquio da lusofonia**

seja esse." (fim de citação) E acredito que deve ser uma enorme satisfação para um tradutor poder levar uma obra a inúmeros leitores de uma outra língua. E não basta encontrar o sinónimo adequado. Há que fazer as escolhas certas, de entre um enorme leque de possibilidades, para que se transmita a pluralidade de sentidos do texto. Sendo assim, o tradutor é, necessariamente, também ele, um autor, não esquecendo que cada poema é único, logo, uma má tradução poderá comprometê-lo. O tradutor deverá manter intacta, o mais possível, a identidade estética do texto, mas a verdade é que mudar de língua é mudar todo ou quase todo um universo de referências.

O meu objetivo, aqui, não é, obviamente, abordar a questão da tradução, que não é área minha. O Miguel Lopes poderá fazer isso com muito mais propriedade do que eu. Mas quis aqui deixar estes tópicos, numa tentativa, também, de valorizar o trabalho dos tradutores, frisando que traduzir poesia é um ato arrojado e de uma enorme responsabilidade e que o tradutor é, de facto, um criador. (Temos sempre presente o exemplo da tradução de *As Minas de Salomão*, pelo Eça de Queirós, que muitos defendem que ultrapassou significativamente o texto original).

Vida e morte, amor e solidão, sonho e desalento, abandono e criação constituem o universo deste livro de nove poemas, pela mão de nove poetas, traduzidos em oito línguas, a demonstrar, simbolicamente, que somos todos feitos de uma mesma humanidade. Parabéns à Helena Chrystello e a todos os que deixam marca sua nesta edição.

INTERVEIO NA HOMENAGEM A HELENA CHRYSTELLO

**- SÓCIA DA AICL  
- VOGAL SUPLENTE DA DIREÇÃO –  
PARTICIPOU NAS TERTÚLIAS ONLINE, -  
PARTICIPOU EM 2012 NO 17º COLÓQUIO NA LAGOA, NO 26º NA LOMBA DA MAIA 2016, 27º BELMONTE 2017, 30º MADALENA DO PICO 2018, 31º BELMONTE 2019, 32º GRACIOSA 2019, 34º PDL 2021, 35º BELMONTE 2022, 36º PDL 2022 E 38º RIBEIRA GRANDE 2023 E NO 39º SANTA MARIA 2024**